

ECOCRÍTICA E ZOOLITERATURA: PERSPECTIVAS INTER E TRANSDISCIPLINARES PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS

Elisângela Campos Damasceno Sarmiento

Pós-Doutoranda em Ensino - RENOEN - UFRPE. Doutora em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - UNEB. Docente do IFPI.

Geraldo Jorge Barbosa de Moura

Pós-Doutor em Comportamento pelo Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto/Portugal. Doutor em Ciências Biológicas pela UFPB - UFRN (Brasil e Universidade de Buenos Aires /Argentina). Professor Associado III, da UFRPE. Professor do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade - UFRPE; do Programa de Pós-Graduação em Biociência Animal - UFRPE; do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - UFRPE; do Programa de Pós-Graduação em Rede Nordeste de Ensino - RENOEN - UFRPE. Diretor de Monitoramento Ambiental e Inovação da CPRH - Governo do Estado de Pernambuco. Membro da Sociedade Psicanalítica do Recife-SPRPE/FABRAPSI/IPA.

9

RESUMO

A Ecocrítica e a Zooliteratura, por serem campos inter e transdisciplinares, apresentam alternativas à solidariedade acadêmica. Nesse sentido, esta investigação tem como objetivo analisar essas vertentes científicas como uma possibilidade pedagógica a um ensino articulado das Ciências, haja vista a necessidade de superação da visão positivista, que compartimenta os saberes. A metodologia desta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso qualitativo, de caráter descritivo-explicativo. A técnica de interpretação dos dados fundamenta-se na Análise do Discurso de Linha Francesa, tendo, como meios de investigação, as obras: *O Sertanejo*, de José de Alencar; *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Destaca-se que os principais resultados apontam que, mediante a Eco e a Zoocrítica, há indicações de possíveis correlações entre diversas ciências, como Geografia Humanista, Biologia, Psicanálise, Filosofia, História, Sociologia e Antropologia. Portanto, a Ecocrítica e a Zooliteratura revelam-se como potentes estudos inter e transdisciplinares, que suscitam um ensino integrado das ciências.

PALAVRAS-CHAVE

Interdisciplinaridade; Transdisciplinaridade; Ensino; Ecocrítica; Literatura.

ECOCRITICISM AND ZOOLITERATURE: INTER AND TRANSDISCIPLINARY PERSPECTIVES FOR SCIENCE TEACHING

ABSTRACT

Ecocriticism and Zooliterature, as they are inter and transdisciplinary fields, present alternatives to academic solidarity. In this sense, this investigation aims to analyze these scientific aspects as a pedagogical possibility for an articulated teaching of Science, given the need to overcome the positivist view, which compartmentalizes knowledge. The methodology of this research is characterized as a qualitative case study, with a descriptive-explanatory character. The data interpretation technique is based on French Discourse Analysis, using the following works as means of investigation: *O Sertanejo*, by José de Alencar; *O Quinze*, by Rachel de Queiroz, and *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos. It is noteworthy that the main results indicate that, through Eco and Zoocritics, there are indications of possible correlations between different sciences, such as Humanist Geography, Biology, Psychoanalysis, Philosophy, History, Sociology and Anthropology. Therefore, Ecocriticism and Zooliterature reveal themselves as powerful inter and transdisciplinary studies, which give rise to an integrated teaching of science.

10

KEYWORDS

Interdisciplinarity; Transdisciplinarity; Teaching; Ecocriticism; Literature.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, é importante pontuar que o termo Ecocrítica surgiu, no cenário acadêmico-científico, a partir da década de 1970, quando foi publicado, nessa área, o primeiro artigo intitulado “Literature and Ecology: an experiment ecocriticism”, do escritor estadunidense William Rueckert, que sinalizou as imbricações entre Literatura e Ecologia, unindo, assim, a arte à ciência.

Ressalta-se que, segundo Navas (2015), sob um espectro histórico, mais precisamente reportando-se à estruturação do paradigma clássico-positivista durante os séculos XV e XVI e posteriores desdobramentos até a contemporaneidade, aproximar a Arte à Ciência ainda é uma tarefa árdua e ousada, porém possível. Nesse caminho, esta pesquisa pretende evidenciar tais articulações, indispensáveis a uma formação acadêmica inter e transdisciplinar tanto na Educação Básica como no Ensino Superior.

Outra abordagem valiosa para um contexto de ensino inter e transdisciplinar é a Zoocrítica que assim como a Ecocrítica teve origem nos EUA na década de 1970. Esta teve um grande avanço em 1989, quando Cheryl Glotfelty (1996), participando do Encontro da Associação de Literatura do Oeste dos Estados Unidos, instigou o seu uso no campo crítico. E, conforme Greg Garrard (2006), de 1996 até os nossos dias, a Ecocrítica se fixa como uma fértil área de estudos holísticos. De modo análogo, a Zooliteratura, no Brasil, ganhou fôlego, no início do século XXI, a partir dos trabalhos da pesquisadora Maria Esther Maciel (2016), que divulga, no meio acadêmico-científico, as correlações entre os Estudos Animais e a Literatura.

Partindo desse viés, faz-se imperioso superar o paradigma cartesiano que, segundo Ivani Fazenda (2011), tem o propósito de fragmentar e reduzir o conhecimento, trazendo à tona as dicotomias entre subjetividade e objetividade; emoção e razão; arte e ciência. Outrossim, de acordo com Elisângela Sarmiento e Mirtes Lira (2021), mediante a adoção do paradigma holístico-interdisciplinar, torna-se possível religar o que foi dicotomizado pelo paradigma positivista. Considerando essa premissa, torna-se possível, então, conciliar o estudo da arte ao desenvolvimento da ciência.



Nesse panorama, o presente capítulo traz como objetivo precípua analisar a Ecocrítica e a Zooliteratura como uma possibilidade didático-pedagógica para um ensino articulado das Ciências, haja vista a necessidade de superação da perspectiva cartesiana, que fragmenta os saberes. Salienta-se, também, que este manuscrito parte da hipótese de que as visões de um ensino inter e transdisciplinar podem permitir uma análise complexa e profunda das relações ser humano-animais-ambiente mediante as contribuições da Ecocrítica e da Zooliteratura para o ensino das ciências.

MATERIAL E MÉTODOS

Levando em conta esses pressupostos teóricos, o rigor metodológico está centrado num estudo de caso qualitativo, de caráter descritivo-explicativo. Para tanto, como meios de investigação, foram analisadas as obras literárias brasileiras, a saber: *O Sertanejo* (2002) [1875], de José de Alencar; *O Quinze* (2012) [1930], de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas* (2013) [1938], de Graciliano Ramos.

Nesse íterim, para a análise dos dados, adotou-se o método da análise do discurso de linha francesa que, segundo o qual, conforme Michel Pêcheux (2006), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Dessa forma, o indivíduo é questionado em sujeito pela ideologia e é, assim, que a língua faz sentido.

Dessarte, Eni Orlandi (2012) corrobora os estudos de Pêcheux (2006) ao considerar as condições de produção em que as obras foram escritas, os contextos histórico-sociais do país e a história de vida dos autores como características muito relevantes para a análise do discurso de linha francesa. Partindo dessa premissa, sublinha-se que, com essas ferramentas, foi realizada a análise do discurso dos personagens das obras em questão. Ademais, na concepção de Orlandi (2012), é fundamental a imersão em torno dos fatores histórico-sociais que envolveram a produção do discurso dos sujeitos / personagens e também os sentidos implícitos e explícitos do texto.

Vale apontar, ainda, que, na análise do discurso de linha francesa, consoante Orlandi (2012), procura-se compreender a



língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico na relação do homem/mulher/animal/personagem com a sua história e com as construções sociais. Desse modo, o indivíduo/animal/personagem norteia-se pela capacidade de significar e significar-se, validando tais sentidos no discurso do autor através das considerações de suas condições de produção as quais compreendem, principalmente, o sujeito e a situação (contextos imediato e amplo).

Nesses termos, ressalta-se que, para compreender as condições de produção no que tange aos sujeitos que enunciam (José de Alencar, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos) e a situação, foi realizada pesquisa bibliográfica relacionada aos autores e ao período histórico em que se inserem as obras *O Sertanejo*, *O Quinze* e *Vidas Secas*, além de ter sido evidenciada a ideologia intrínseca ao discurso produzido pelos sujeitos que falam nos textos consoantes os estudos de Pêcheux (2006).

13

Somado a isso, destaca-se que foram adotadas as perspectivas ecocrítica e zoocrítica como outros mecanismos de análise do discurso, tendo em vista que, conforme Garrard (2006), as relações entre Literatura e Ecologia; entre Literatura e Estudos Animais são bastante relevantes para uma criteriosa e abrangente investigação em torno das relações ser humano-animais-ambiente, haja vista o universo inter e transdisciplinar que permeia a dinâmica da vida em sociedade na imbricação com a cultura e a natureza.

Sendo assim, para construir o marco teórico deste capítulo, foram acessadas publicações, dentre elas: artigos científicos, localizados em revistas e em anais de eventos que remontam às primeiras décadas dos anos 2000, além de e-books e livros diversos, cuja totalidade do referencial teórico data de 1915 (aporte clássico) até consultas que foram realizadas em sites da internet nos primeiros meses de 2023.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ECOCRÍTICA: CONTRIBUTOS À GEOGRAFIA HUMANISTA, À PSICANÁLISE, À BIOLOGIA, À FILOSOFIA E A UMA EDUCAÇÃO INTER E TRANSDISCIPLINAR

Revisitando o conceito de Ecocrítica - imbricação entre Literatura e Ecologia -, é importante esclarecer que, para

Alfredo Bosi (2006), as obras *O Sertanejo*, de José Alencar, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, trazem ricas compreensões da época em foram escritas. Além disso, tais romances possibilitam uma análise para além dos seus tempos, utilizando, assim, uma das características artísticas que lhes conferem, que é a atemporalidade, atravessando gerações e permeando diversos conhecimentos que se entrelaçam.

Nessa direção, assinala-se que as obras *O Sertanejo*, *O Quinze* e *Vidas Secas* mantêm vínculo com a Geografia Humanista, emergindo os conceitos de “topofilia” (Tuan, 1980: 15) e “topofobia” (Tuan, 2005: 33). Ressalta-se que o termo topofilia, segundo Yi-Fu Tuan (1980), associa-se à familiaridade, à afeição e remete a um ambiente ameno, agradável. Em contrapartida, para Tuan (2005), a topofobia atrela-se a uma paisagem do medo, que causa ao sujeito um sentimento de aversão e repulsa.

Nesse cenário, José de Alencar, em *O Sertanejo*, evoca uma subjetividade que é contornada, predominantemente, pela topofilia (apego ao lugar). Essa percepção se comprova pelos trechos: “Esta imensa campina é o sertão de minha terra natal”; “Quando te tornarei a ver, sertão da minha terra, que atravessei há tantos anos na aurora serena e feliz da minha infância?”; “Quando tornarei a respirar tuas auras de perfumes agrestes?” (Alencar, 2002: 9).

Simultaneamente, reitera-se que estão evidentes, no fragmento acima, as emoções e as reminiscências da infância, que ficaram gravadas na mente do personagem. Essa lembrança saudosa desperta nele o desejo de retornar para a sua terra natal e reviver essas agradáveis memórias. Partindo desse pressuposto, identifica-se um profundo sentimento de pertencimento histórico ao território e ao lugar onde o personagem viveu uma infância “feliz e serena” (Alencar, 2002: 9) em meio à exuberância e à biodiversidade da paisagem sertaneja.

Retomando a ideia de felicidade, trazida pelo sentimento de pertencimento histórico, salienta-se que o pensamento de Freud (1900) corrobora essa perspectiva. Sob tal contexto, o pai da Psicanálise afirma que a felicidade é a realização de um desejo pré-histórico, ou seja, antigo, da infância. Desse modo, a alusão que o adulto faz a sua infância, seja ao local físico ou às

pessoas e acontecimentos, representa uma demanda do ser humano sempre acompanhada de muita satisfação, quando realizada.

Nessa conjuntura, consoante Freud (1900), a felicidade, sendo a materialização de um anseio da infância, é atingida quando o adulto realiza tal desejo, com destaque ao fato de que essa realização pode ser alcançada no mundo concreto, como por exemplo, mediante uma visita ao local ou às pessoas com as quais manteve, no passado, uma relação de afeto ou ainda, de forma indireta, através de lembranças fictícias, promovidas pela expressão da arte.

Vale realçar que, embora na maioria dos trechos da obra haja um intenso amor do personagem à sua terra natal, o narrador também não deixa de relatar a diversidade e a ambivalência da paisagem: “ora seca e triste, ora alegre e poética” (Alencar, 2002: 14) conforme coadunam os excertos seguintes: “A chapada tinha o aspecto desolado e profundamente triste que tomam aquelas regiões no tempo da seca. Dir-se-ia que por aí passou o fogo e consumiu toda a verdura, que é o sorriso dos campos nos tempos de chuva” (Alencar, 2002: 14). Dessarte, a referência a um “aspecto desolado... no tempo da seca” faz alusão à topofobia, uma aversão aos longos períodos de estiagem, em face da miséria que se instala no sertão.

A partir desses trechos, verifica-se que o narrador de *O Sertanejo* descreve, “poeticamente”, a fitofisionomia da Caatinga que, conforme Silva et al. (2004), apresenta clima semiárido, vegetação com poucas folhas e adaptadas para os períodos de seca. Nessa época, quase todas as plantas perdem as folhas para diminuir a transpiração e evitar a perda de água armazenada. No inverno, devido à ocorrência de chuva, as folhas verdes e as flores voltam a brotar. Entretanto, mesmo em meio a essa irregularidade, na Caatinga, há uma considerável biodiversidade, seja de flora, seja de fauna.

Ainda ressaltando essa dualidade da paisagem, característica típica da fitofisionomia da Caatinga, apresenta-se o fragmento que se segue: “Estes ares, em outra época povoados de turbilhões de pássaros loquazes, cuja brilhante plumagem rutilava aos raios do sol, agora ermos e mudos como a terra, são apenas cortados pelo voo pesado dos urubus que

farejam a carniça” (Alencar, 2002: 15). Aqui se mostram dois momentos de percepção do sertão: um, repleto de vida, marcado pelo canto dos pássaros: topofilia – atração pelo lugar; o outro, com a presença da morte, num ambiente inóspito, permeado de solidão, silêncio e decomposição: topofobia – repulsa ao lugar.

Ademais, segundo Sarmiento e Moura (2022a), infere-se que as alterações do ambiente moldam a subjetividade do sertanejo. Desse modo, as modificações da paisagem (árida, seca para verde e exuberante) determinam os sentimentos do sertanejo, ou seja, o seu universo de emoções, marcado por sensações positivas – topofilia – bem-estar, alegria ou negativas – topofobia – tristeza, solidão, morbidez.

Analogamente, essas sensações (positivas ou negativas), em virtude das transformações da paisagem do semiárido, podem ser associadas à bivalência das “pulsões de vida e de morte”, discutidas por Freud (1915a: 31; 1915b: 21) e a dualidade “cooperação e competição”, exposta pelo biólogo evolucionista Charles Darwin (1981: 66). Nessa perspectiva, diante da escassez de recursos, em razão das adversidades sazonais provenientes de longos períodos de estiagem, tanto o ambiente como o sertanejo absorvem as emoções negativas, desencadeando, assim, a pulsão de morte e o espírito competitivo, a fim de que sobrevivam em meio a uma caatinga seca e a uma vida plasmada de dores, perdas e privações.

Na obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, são frequentes as expressões topofóbicas voltadas ao sertão, num tom de denúncia, que visam explicitar uma caatinga abandonada pelo Governo que adotava, na época, uma política de repulsa e não um projeto de convivência com o semiárido, conforme se denota nas expressões: “Estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta”; “Folhas secas no chão que estalavam como papel queimado”; “Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapou à devastação da rama”; “E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos” (QUEIROZ, 2012, p. 15).

Nessa tônica, Rachel de Queiroz, na obra *O Quinze*, denunciou as reduzidas e ineficazes políticas públicas destinadas ao Nordeste e, mais especificamente, ao sertão cearense, marcado pela seca que se tornou uma tragédia



humana: “De tarde, quando caminhavam com muita fome” (Queiroz, 2012: 34); “— Meu filho! Pelo amor de Deus! Você comeu mandioca crua?”; “— Chico! Chico! Valha-me Nossa Senhora! O Josias se envenenou”; “A criança era só osso e pele: o relevo do ventre inchado formava quase um aleijão naquela magreza, esticando o couro seco de defunto, empretecido e malcheiroso” (Queiroz, 2012: 35).

Na tragédia da vida humana, consoante o filósofo Friedrich Nietzsche (1999), há forças opostas: a apolínea – constituída por uma estabilidade ilusória – que, na obra em apreço, é o menino Josias caminhar com os pais, mesmo com uma fome incontável, mas perto deles, sem pensarem na iminência da morte; a dionisíaca, que se configura pela embriaguez da realidade, ou seja, o estarrecimento da dor em face da morte da criança: “Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada” (Queiroz, 2012: 38); “Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora” (Queiroz, 2012: 39).

17

Abandonando esse cenário nefasto, a paisagem dá sinais de mudança com as primeiras chuvas e, concomitantemente, começa a ressurgir a esperança de dias melhores para o sertanejo, apresentando um ambiente aprazível e suscitando emoções topofílicas como atestam os trechos: “Enfim caiu a primeira chuva de dezembro” (Queiroz, 2012: 73); “O pasto se enramava, e uma pelúcia verde, verde e macia, se estendia no chão até perder de vista. A caatinga despontava toda em grelos verdes, paus esverdeados” (Queiroz, 2012: 78); “E tudo era verde, e até no céu, periquitos verdes esvoaçavam gritando. O borralho cinzento do verão vestira-se todo de esperança” (Queiroz, 2012: 79).

Na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, também se observa a predominância de uma cena topofóbica: “Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” (Ramos, 2013: 6). Logo, essa situação decrépita se mistura com o cenário nefasto em que se encontravam: “rio seco”; “galhos pelados da caatinga rala”; “a caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas” (Ramos, 2013: 6). Diante disso, esboça-se um quadro de repulsa ao lugar e de imagens fúnebres que remetem a uma sensação topofóbica e a uma situação de degradação.

Sendo assim, delinea-se um contexto dionisíaco que, por analogia, remete-se a um ambiente inóspito que suscita sentimentos topofóbicos. Tal situação dionisíaca, segundo Friedrich Nietzsche (1999), representa a realidade cruel e trágica com a qual o sertanejo se depara em meio às adversidades: sem comida, sem água, sem nada. Nesse panorama, o desespero invade o interior humano: “O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. — Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai”; “O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça” (Ramos, 2013: 6).

Entretanto, esse cenário de penúria não é unânime no sertão. Como marcas de uma fitofisionomia ambivalente da caatinga: ora seca, ora verde, é importante pontuar os seguintes trechos: “Por enquanto a inundação crescia. Não havia o perigo da seca imediata, que aterrorizara a família durante meses” (Ramos, 2013: 23); “Estivera uns dias assim murcho, pensando na seca e roendo a humilhação. Mas a trovoadas roncara, viera a cheia, e agora as goteiras pingavam” (Ramos, 2013: 24); “Pensou com um arrepio na seca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. Afastou a lembrança ruim, atentou naquelas belezas” (Ramos, 2013: 28).

Nesse panorama dual, pondera-se que, em situação de escassez de recursos (seca), o cenário configura-se como inóspito e os sentimentos aflorados são topofóbicos. Em contrapartida, na abundância de tais recursos (chuvas constantes), a paisagem se transforma, tornando-se aprazível e despertando sensações topofílicas. Desse modo, as emoções modificam-se, dando lugar à esperança de dias melhores.

Partindo desse contexto, observa-se que há, no sertão, uma ambivalência coexistente nas relações ser humano-ambiente. Tal constatação pode ser reverberada ao se verificar a dualidade da caatinga (ora verde, ora seca), bem como as pulsões de vida e de morte, elencadas por Freud, e presentes nas ações e reações do sertanejo; as características cooperativas e competitivas da espécie humana e de todos os seres vivos segundo Darwin e, por último, as forças apolíneas e dionisíacas, discutidas por Nietzsche. Tudo isso faz com que o sertanejo encontre ânimo e coragem para superar as adversidades, em meio às secas prolongadas, e sobreviver.



Por conseguinte, apoiada nesses diversos campos do conhecimento, a ciência e a arte se conectam e se expandem. Desse modo, “a interdisciplinaridade” (Thiesen, 2008: 550) e a “transdisciplinaridade” (Cruz & Costa, 2015: 199), compreendidas, respectivamente, como uma esfera aberta ao diálogo entre os componentes curriculares e os saberes diversos, além de suscitar um caminho para a equidade social e os valores humanos, bem como um novo enquadramento intelectual, podem ser implementadas no sistema educativo brasileiro.

Nessa esteira, esse novo modelo de organização dos conhecimentos escolares pode ser adotado na Educação Básica, mais precisamente no Ensino Médio, congregando, por exemplo, os currículos de Geografia, Biologia, Filosofia e Literatura. Ademais, essa solidariedade acadêmica pode ser estendida à Educação Superior, mais notadamente nos cursos de Licenciatura em Letras, Biologia e Geografia, imprimindo, assim, uma dinâmica de relações facilitadoras à complexidade e à profundidade das imbricações entre o ser humano, o ambiente, a sociedade e a cultura.

ECOCRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES À SOCIOLOGIA, À HISTÓRIA E A UMA EDUCAÇÃO INTER E TRANSDISCIPLINAS

Reiterando a fertilidade da Ecocrítica como uma ciência que estuda as articulações entre Literatura e Ecologia, é salutar esclarecer que, para Antonio Candido (2009), as obras *O Sertanejo*, de José Alencar, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, evidenciam temáticas histórico-sociais que transcendem a época em que foram escritas, permanecendo, no contexto atual, como referências pulsantes a uma análise das relações homem-ambiente.

Nesse panorama, sublinha-se que as obras *O Sertanejo*, *O Quinze* e *Vidas Secas* (re) criam, artisticamente, conexões históricas e sociológicas ao serem analisados os discursos de seus personagens. Nessa seara, destacam-se os conceitos de “colonialidade – replicação dos modelos coloniais de dominação e opressão” (QUIJANO, 1997, p. 5) e “decolonialidade – resistência à exploração neocolonial” (Mignolo, 2010: 12).

Sob esse prisma, José de Alencar, em *O Sertanejo*, lança mão do personagem capitão-mor Gonçalo Pires Campelo, que

representa a colonialidade do poder, destilando, em seu discurso, uma autoridade dominadora que oprime aqueles que são subjugados por ele:

Embora decorressem anos da desobediência de seu servo, em tendo notícia do culpado, despachava uma escolta para prendê-lo, onde quer que estivesse. Satisfeito, porém, o seu orgulho, aplacava-se de todo a ira; assim, a maior parte das vezes, o castigo não passava de um ato de submissão e, quando muito, de uma prova expiatória. Obrigava o atrevido a pedir-lhe perdão de joelhos ou mandava amarrá-lo ao moirão por um dia inteiro (Alencar, 2002: 267).

A partir desse excerto, corrobora-se que a colonialidade do poder ainda permanece nas relações sociais, mesmo já tendo sido extintas as administrações coloniais, cujo objetivo de dominação persiste, estando, pois, imerso nas produções discursivas e culturais do país. Posto isso, faz-se necessário um movimento de luta e resistência a essas forças opressoras, que suscitam um ambiente de subserviência, aviltando, assim, a dignidade humana.

20

Nessa tônica de dicotomias entre seres superiores e inferiores, na obra *O Sertanejo*, enquadra-se, também, o perfil da filha do capitão-mor, D. Flor, que perpassa uma representação da colonialidade do ser, conforme atestam os trechos a seguir: “Sua senhora, não, tornou D. Flor com um tom glacial; não o sou; mas também, apesar de nos termos criado juntos, não sou sua igual” (Alencar, 2002: 385) “Ela, a filha do capitão-mor Campelo, não podia ver em um vaqueiro outra cousa senão um agregado da fazenda” (Alencar, 2002: 442).

Desse modo, consoante Thaís Colaço (2012), o decolonial é uma luta contínua, uma vez que as raízes históricas, socioeconômicas e culturais se infiltram no cotidiano diacrônico de gerações sucessivas, tornando árdua a superação do poder da colonização ao longo dos séculos, surgindo, assim, neocolonizações que necessitam, pois, de um discurso e de uma prática permanente de resistência às forças hegemônicas.

Sobre essa decolonialidade, o romance *O Sertanejo* lança mão de um personagem chamado “Arnaldo Louredo”, que se caracteriza como o protagonista dessa narrativa, figurando como um homem arredo e, portanto, não afeito a ordens, mas guiado por um espírito combativo e emancipatório. Com vistas a corroborar essa tendência de “Arnaldo”, segue trecho ilustrativo: “Arnaldo, que sabia destes fatos e conhecia a

severidade do capitão-mor, julgava-se banido da Oiticica para sempre; pois não lhe consentia o seu gênio fazer contrição da culpa e pedir perdão da desobediência” (Alencar, 2002: 267).

Segundo Larissa Rosevics (2017), professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, as marcas da situação colonial não abandonaram os povos colonizados devido à colonialidade do poder, estruturada num processo capitalista que se renova e se consolida em práticas de exploração e dominação. Daí, a importância de um movimento contra-hegemônico que abale tais estruturas e comece a construir relações menos desiguais.

Acerca da colonialidade do saber, é oportuno considerar o seguinte trecho: “Arnaldo tinha partilhado das lições que o padre capelão dava a Flor, Alina e Jaime; mas sabidas as primeiras letras o haviam tirado da escola, visto que um vaqueiro não carecia de mais instrução” (Alencar, 2002: 436). Sob esse viés, a educação formal é outro fator de exclusão, uma vez que, à classe baixa, não raro, é negado o direito a uma formação de qualidade, tendo em vista a sua emancipação.

Conforme o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres (2016), a colonialidade do saber se relaciona com a epistemologia e suas formas de reprodução de regimes de pensamento, enquanto a colonialidade do ser se refere à experiência vivida de colonização e seus impactos na linguagem e na visão de mundo dos povos colonizados. Com base nesses conceitos, ressalta-se que, em *O Sertanejo*, há expressões das colonialidades do saber e do ser, quando o próprio personagem oprimido traz, no pensamento e dentro si, o reconhecimento de superioridade do opressor, conforme se observa no fragmento a seguir: “Quem é capaz de duvidar da honrada palavra de vossa senhoria? Acudiu o João Correia. Desde que o Sr. Capitão-mor abona, está acabado” (Alencar, 2002: 356).

No romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, esse legado da colonialidade do poder, do saber e do ser também está fortemente consubstanciado nos discursos de alguns personagens: “Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre o conhecera querendo ser vaqueiro, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele” (Queiroz, 2012: 16). “A pobre senhora sentiu os olhos cheios

de lágrimas, e ficou chorando pelo filho tão bonito, tão forte, que não se envergonhava da diferença que fazia do irmão doutor que morava na capital e teimava em não querer ser gente” (Queiroz, 2012: 17).

Tais paisagens literárias corroboram a colonialidade do poder, do saber e do ser. Portanto, a mãe de Vicente replica a segregação social voltada ao próprio filho, um sertanejo que representa o pobre, o inculto e o inferior, um grupo social ao qual a elite é indiferente e procura manter distância para reforçar a sua superioridade. De acordo com o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel (2008), a cultura colonial dicotômica superior/inferior, letrado/inculto permanece internalizada na sociedade e é reproduzida nas interações humanas, com vistas a consolidar exclusões e subalternidades.

A partir dessa mesma esteira dicotômica em que se exalta um grupo dominante e deprecia-se o dominado, o romance em exame alfineta outro fragmento:

Conceição lentamente deu as costas, e enxugou os olhos molhados no lenço com que acenara para o mar. Um negro dos guindastes, que fumava, ao sol, com gotas de suor aljofrando-lhe a testa preta e brilhante, olhou-a admirado, abanando a cabeça: — Tem gente pra tudo, neste mundo! Uma moça branca, tão bem pronta, chorar mode retirante!... (Queiroz, 2012: 64).

Outrossim, no excerto acima, explicita-se uma herança cultural eurocêntrica em que a etnia branca e socialmente privilegiada é vista como superior aos economicamente desfavorecidos num tom de discriminação e menosprezo. Para o sociólogo e jurista português Boaventura de Sousa Santos (2007), o processo de colonialidade está presente na caracterização do pensamento moderno ocidental, concebido como abissal, uma vez que este foi construído mediante as linhas cartográficas que demarcavam o território em Velho e Novo Mundo. Desse modo, na visão eurocêntrica, existe “este lado da linha” (a dominação) e “o outro lado da linha” (os dominados).

No que concerne à obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, são evidenciados discursos de personagens que suscitam a colonialidade do poder, e do ser:

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou. Aí o soldado amarelo apitou e, em poucos minutos, o destacamento rodeava o jatobá. — Toca pra frente, berrou o

cabo. Então, por que um sem-vergonha se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia que era assim, acostumara-se a todas as injustiças (Ramos, 2013: 13).

Para Mignolo (2010: 13), idealizar graus de humanidade conforme a classe socioeconômica concede à colonialidade do poder uma dimensão ontológica: a colonialidade do ser que se refere à experiência vivida de ser tomado como inferior, conforme se pode observar nos trechos seguintes: “O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor...” (Ramos, 2013: 10); “Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior” (Ramos, 2013: 27).

Considerando os excertos acima, o “soldado amarelo”, o “fazendeiro” e as “pessoas da cidade” representam a cultura eurocêntrica na expressão de suas linguagens e comportamentos; já o personagem “Fabiano” simboliza o oprimido, o subjugado nas relações cotidianas de poder. Dessarte, conforme Marx e Engels (2003: 35), “a história de toda a sociedade é a da luta de classes”. Isso posto, as relações sociais são verticalizadas e fundadas na noção de poder e na hierarquização de sujeitos, excluindo, assim, as existências daqueles que são classificados como inferiores. Outrossim, as relações de poder aprofundam, cada vez mais, o abismo social e separam os indivíduos entre os que têm uma voz prescritiva e os sem voz ou aqueles que apenas obedecem.

Nessa perspectiva, levando em conta o par colonialidade e decolonialidade, presente nos discursos dos personagens de *O Sertanejo*, *O Quinze* e *Vidas Secas*, reforça-se que há a predominância da colonialidade do poder, do saber e do ser, fruto de uma herança cultural eurocêntrica e em face das sucessivas neocolonizações que vêm ocorrendo ao longo dos anos, conforme sinalizam Quijano (1997); Santos (2007); Grosfoguel (2008); Mignolo (2010); Colaço (2012); Maldonado-Torres (2016); Rosevics (2017), embora se possa perceber, de modo mais tímido, uma visão contra-hegemônica, que busca a emancipação dos sertanejos.

Partindo de um pressuposto inter e transdisciplinar, apresentado no presente tópico, é possível congregarmos disciplinas do Ensino Médio (Língua Portuguesa/Literatura, História e Sociologia) e também as respectivas licenciaturas no Ensino Superior. Tais interfaces permitem que o processo

educativo seja, em ambos os níveis, mais amplo e significativo aos docentes e discentes. Isso posto, com uma educação ontológica, podem ser construídos diálogos complexos e profundos, tendo em vista uma compreensão interativa das relações entre o ser humano, a história, a sociedade e a cultura.

ZOOCRÍTICA: UMA REFLEXÃO INTER E TRANSDISCIPLINAR PARA COMPREENDER A ANIMALIDADE DO HUMANO E A SINCIÊNCIA DO ANIMAL

No Brasil, quanto ao desenvolvimento de linhas de pesquisa inter e transdisciplinares no campo da Zoocrítica, merecem destaque os trabalhos do pesquisador e filósofo da Universidade Federal do Pará, Benedito Nunes (2011), que deixou um legado incomensurável para essa área do conhecimento, buscando uma articulação entre Literatura, Filosofia e Antropologia.

24

Nessa esteira, segundo Nunes (2011), é preciso reconquistar a proximidade perdida, desde a Antiguidade, entre homem e animal, afastando dessa análise o paradigma cartesiano, que fragmenta e divide os animais em seres racionais e, portanto, conscientes (os humanos) e os irracionais (os outros, denominados animais). Desse modo, a animalidade do humano e a senciência do animal devem ser consideradas cientificamente numa ambivalência coexistente, inter e transdisciplinar.

Dessarte, a Zooliteratura, como pondera Maria Esther Maciel (2016), pretende romper com o humanismo antropocêntrico, que começou a ser evidenciado na história da humanidade no final do século XV e ainda hoje vigora no discurso científico, concedendo ao homem uma condição superior aos outros animais. Essa visão de mundo, contemporaneamente, é chamada de especismo, que considera o animal humano como dotado de superioridade com relação aos outros habitantes do planeta. Outrossim, a Zooliteratura propõe tal ruptura, sugerindo o reconhecimento da senciência dos animais e da animalidade do humano numa ambivalência de relações que não são antagônicas, mas que coexistem e se complementam.

Nesses termos, destaca-se que a obra *O Quinze* sinaliza latentes contribuições para o campo dos Estudos Animais. Sob essa perspectiva, realça-se o trecho que retrata a porosidade emocional e de sina entre os animais e o sertanejo, absorvendo, pois, as características de ambos facilmente:

Chico Bento bateu os paus na porteira e foi caminhando devagar, atrás do lento caminhar do gado, que marchava à toa, parando às vezes, e pondo no pasto seco os olhos tristes, como numa agudeza de desesperança; Outras reses seguiam cabisbaixas, na mesma marcha pensativa; O marmeleiral esquelético, era tudo cinzento, o próprio leite das lagoas vidrara-se em torrões de lama ressequida; — Ô sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome! (Queiroz, 2012: 18).

Analogamente, observando essa dramática descrição-narrativa do sertanejo em tempos de seca, evidencia-se o aspecto trágico da cena, peculiaridade da autora, que, conforme Lobato e Pereira (2011: 6), apresenta uma atmosfera cíclica: “é caminhar, caminhar e se deparar com tudo seco, cinzento até morrer de fome” como um destino implacável e irrevogável. Era, assim, a imagem da seca no Nordeste do início do século XX. Para os autores, através de seu tom trágico, a seca suscita ao personagem e, indiretamente, ao leitor, a humanização através da desumanização, metamorfose extraída do desespero (como a morte certa dos retirantes e dos animais).

Outro ponto que deve ser sublinhado é a senciência dos animais: “olhos tristes como numa agudeza de desesperança”; “na mesma marcha pensativa” (Queiroz, 2012: 18). Desse modo, as emoções do gado se integram às do vaqueiro Chico Bento e vice-versa. Segundo Wohlleben (2019), uma manada de elefantes cuida de seus membros, ajuda os indivíduos doentes e fracos e reluta até em deixar os mortos para trás. Isso corrobora a tese de que os animais são seres sencientes, posto que demonstram sentimentos (amor, tristeza, compaixão) e têm consciência de si e do seu entorno.

Esse é um grande passo para a conquista dos direitos dos animais, visto que eles têm sentimentos (dor física e psicológica – angústia), podendo, pois, experimentar emoções negativas e positivas, além, é claro, de terem consciência de si e do seu entorno, mesmo que em nível diferente dos humanos e essa percepção é, fortemente, sinalizada na obra *O Quinze*, principalmente por aqueles que lidavam com o rebanho.

Nesse sentido, evidencia-se, também, a obra *Vidas Secas* que traz, com profundidade, a caracterização da personagem “Baleia”, uma cachorra solidária e preocupada com sua família (“Fabiano, sinhá Vitória, o menino mais novo e o menino mais velho”): “E foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiar a morte do grupo” (Ramos, 2013: 7); “Baleia agitava o rabo, olhando as brasas. E como não podia ocupar-se daquelas coisas, esperava com paciência a hora de mastigar os ossos” (Ramos, 2013: 8).

Consoante Maciel (2016), *Vidas Secas* é um romance fundamental para a Zooliteratura, e a autora alfineta que caracterizar a cachorra Baleia como um animal humanizado é, no mínimo, errôneo, uma vez que os animais são sencientes e, portanto, expressam sentimentos. Isso posto, conforme a pesquisadora, as qualidades emocionais, comportamentais e cognitivas que Baleia apresenta na obra em epígrafe não são peculiaridades exclusivas do ser humano e, portanto, impróprias para descrever um animal inumano. Pelo contrário, tanto o humano apresenta animalidade como o animal não humano expressa emoções.

Partindo dessa premissa, o autor de *Vidas Secas* assinala a animalidade do humano “Fabiano”, cujo desejo de morte foi ativado num momento de desespero, em face da extrema fome pela qual passava, despertando, assim, a “pulsão de destruição” consoante apregoa Freud (1915a, p. 31; 1915b, p. 21), o que pode ser corroborado nos excertos a seguir:

O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. — anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai. Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça (Ramos, 2013: 6).

Nesse contexto, a superioridade do homem torna-se discutível e, portanto, passível de contestação. Desse modo, segundo Maciel (2011), o antropocentrismo (Humanismo) que teve início no final do século XV e, ainda hoje, vigora como discurso hegemônico das academias carece de refutação. Outrossim, a Zooliteratura surge como um movimento científico contra-hegemônico que pretende refletir sobre a necessidade de rechaçar a visão antropocêntrica, visto que o animal humano pode ter, em diversas situações, a sua animalidade aguçada,

bem como o animal não humano pode revelar-se sensível e generoso.

Nesse íterim, consoante Freud (1915a; 1915b), a essência humana é ambivalente. Há, pois, tanto a pulsão de vida como a de morte e, para o pai da psicanálise, esta última pode ser preponderante em algumas situações adversas, todavia estará a serviço da pulsão de vida, como elemento de superação dos obstáculos em meio às adversidades, suscitando, assim, a possibilidade de sobrevivência.

Em vista disso, esclarece-se que a pulsão de morte como motivação gera o empobrecimento do psiquismo, porém, como observado no cotidiano do sertanejo, para lidar com as adversidades da estiagem, tal pulsão apresenta-se como elemento de vida, incitando-o ao objeto de desejo, ou seja, a luta pela sobrevivência, que pode ser exitosa pela plasticidade de se tornar agressivo, mais competitivo e, conseqüentemente, vitorioso (Freud, 1915a; Freud, 1915b; Green, 1988).

Nessa linha de raciocínio, durante muitos anos, também se difundiu que, para o pai do evolucionismo Charles Darwin (1981), a competição (pulsão de morte na visão de Freud) era a característica predominante na natureza humana. Entretanto, segundo a análise da obra “A Descendência do Homem”, de Darwin (1981), mencionam-se duas vezes a sobrevivência do melhor e noventa e cinco vezes a palavra amor. Desse modo, o que prevalece na obra em epígrafe é o comportamento como colaboração. Sendo assim, os modelos freudiano e darwiniano são duplos e, portanto, podem emergir a cooperação (pulsão de vida) ou a competição (pulsão de morte), e essa dualidade faculta ao ser humano lidar com as diversas facetas da vida.

Ademais, conforme Sarmiento e Moura (2022b), Graciliano Ramos procurou coadunar a senciência dos animais não humanos, apresentando, pois, a inteligência e a manifestação de sentimentos da “cachorra Baleia” conforme corroboram os trechos a seguir: “E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente” (RAMOS, 2013, p. 14); “Baleia despertou, retirou-se prudentemente, receosa de sapecar o pelo” (RAMOS, 2013, p. 16).



, apesar da constatação científica e legal em alguns países, inclusive no Brasil, quanto à senciência dos animais não humanos, é irrefutável que a capacidade cognitiva dos humanos é muito maior que a daqueles. Por outro lado, também é inquestionável que os animais não humanos possuem inteligência e isso o autor de *Vidas Secas* já assinalava em 1938, quando da publicação desse livro, bem como Rachel de Queiroz em 1930, ano de lançamento do romance *O Quinze*.

Posto isso, destaca-se que, segundo a Dra. Virgínia Williams, presidente do Comitê Consultivo Nacional de Ética Animal, em 2020, a condição dos animais como seres sencientes começa a ser reconhecida legalmente em diversos países da Europa (França, Portugal, Alemanha, Suíça, Áustria), da Oceania (Nova Zelândia e Austrália) e da América do Sul, como o Brasil. Esse é um grande passo para a conquista dos direitos dos animais, visto que eles têm sentimentos (dor física e psicológica – angústia), podendo, pois, experimentar emoções negativas e positivas, além, é claro, de terem consciência de si e do seu entorno, mesmo que em nível diferente dos humanos.

Nessa linha de pensamento, o autor de *Vidas Secas* põe em relevo a “cachorra Baleia”, uma personagem não humana que apresenta consciência do mundo que a cerca como se reverbera nos trechos a seguir:

Naquele dia a voz estridente de sinhá Vitória e o cascudo no menino mais velho arrancaram Baleia da modorra e deram-lhe a suspeita de que as coisas não iam bem; Topou o camarada, chorando, muito infeliz, à sombra das catingueiras. Tentou minorar-lhe o padecimento saltando em roda e balançando a cauda. Não podia sentir dor excessiva. E como nunca se impacientava, continuou a pular, ofegando, chamando a atenção do amigo. Afinal convenceu-o de que o procedimento dele era inútil (Ramos, 2013: 21).

Por conseguinte, é possível captar, através do discurso do narrador acima, que Graciliano Ramos nutria de profunda sensibilidade para captar as ações, reações e emoções dos animais, mais especificamente da “cachorra Baleia”, o que corrobora a senciência dos animais não humanos, tão negada por muitos humanistas antropocêntricos ao longo da história da humanidade. Todavia, Montaigne (1980), na obra “Apologia de Raymond Sebond”, já defendia a ideia do animal como sujeito e chamava a atenção para a complexidade dos bichos, mostrando que eles são dotados de variadas faculdades mentais.

Sendo assim, a Literatura sugere imersões holísticas que permitem uma profícua interface com o ensino das Ciências. Dessa maneira, os docentes do componente curricular Biologia, numa visão inter e transdisciplinar, têm a oportunidade de ampliar o seu domínio epistemológico, posto que, além dos aspectos materiais e tangíveis, podem abordar as questões simbólicas que permeiam o mundo animal, revelando, assim, mediante uma educação sistêmica, a dinâmica racional/instintiva e emocional da vida dos animais humanos e não humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões realizadas, a Ecocrítica e a Zooliteratura se configuram como vertiginosas ferramentas inter e transdisciplinares, que permitem interlocuções com diversas ciências. Daí, a substancial aproximação entre a arte, mais notadamente a Literatura, e o ensino das Ciências, conforme exposto nos resultados desta investigação.

Reitera-se que entre Literatura e Ensino de História, Geografia Humanista, Biologia, Filosofia e Sociologia, por exemplo, há explícitas e implícitas correlações. Nesse contexto, haja vista a apropriação dessas interfaces, as formações de professores das supracitadas áreas carecem de uma instrução sistêmica, inter e transdisciplinar, para que os docentes e pesquisadores desses campos científicos possam se imbuir de uma epistemologia ontológica, superando, assim, o legado do paradigma clássico-positivista que fragmenta e reduz, por meio de isolamentos inférteis, os conhecimentos.

Por conseguinte, salienta-se que a hipótese levantada neste manuscrito foi coadunada, uma vez que, segundo as análises realizadas, as perspectivas de um ensino inter e transdisciplinar, através da Ecocrítica e da Zooliteratura, podem permitir um processo educativo complexo e profundo das relações ser humano-animais-ambiente. Sinaliza-se, portanto, que tal experiência pedagógica pode favorecer a construção de um novo modelo de ensino, pesquisa e aprendizagem tanto para a Educação Básica (Ensino Médio) como a ser adotado no Ensino Superior (cursos de Licenciatura).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de (2002). O Sertanejo. São Paulo: José Olympio.

BOSI, Alfredo (2006). História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix.

CANDIDO, Antonio (2009). A Personagem de Ficção. São Paulo: Perspectiva.

COLAÇO, Thaís Luzia (2012). Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial. Florianópolis: Fundação Boiteux.

CRUZ, Elisabete; COSTA, Fernando Albuquerque (2015). Formas e manifestações da transdisciplinaridade na produção científico-acadêmica em Portugal. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, pp. 195-213, jan.-mar.

DARWIN, Charles (1981). Descent of Man. Princeton: Princeton University Press.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (2011). Interdisciplinaridade: definição, projeto, pesquisa. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). Práticas interdisciplinares na escola. São Paulo: Cortez, pp. 13-18.

FREUD, Sigmund (1900). A Interpretação dos Sonhos. In: FREUD, S. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. pp. 210-240.

FREUD, Sigmund (1915a). O Inconsciente. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, cap. 7, pp. 183-233.

FREUD, Sigmund (1915b). Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, cap. 6, pp. 129-162.

GARRARD, Greg (2006). Ecocrítica. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

GLOTFELTY, Cheryll (1996). Introduction-literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll. & FROMM, Harold. (eds). The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology. Athens / London: The Univ. of Georgia Press. pp. XV-XXXVII.

GREEN, André (1988). Narcisismo de vida. Narcisismo de morte. São Paulo: Escuta.

GROSGOUEL, Ramón (2008). Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, pp. 115-147.

LOBATO, Andrea Teresa Martins; PEREIRA, Eduardo Oliveira (2011). A seca e a narrativa do trágico em O Quinze de Rachel de Queiroz. Revista Garrafa 24, Rio de Janeiro, v. 9, n. 27, pp. 1-17.



MACIEL, Maria Esther (2011). Exercícios de Zooliteratura. Revista ComCiência. Campinas-SP, n. 134, pp. 1-4, jul..

MACIEL, Maria Esther (2016). Literatura e animalidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MALDONADO-TORRES, Néelson (2016). Transdisciplinaridade e decolonialidade. Soc. estado. [online], v. 31, n. 1, pp. 75-97. Disponível em: <https://bit.ly/2PmtsTD>. Acesso em 21 jan. 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (2003). Manifesto do Partido Comunista. Porto Alegre: L&PM.

MIGNOLO, Walter D (2010). "Aiesthesis Decolonial". Calle 14, v. 4, n. 4, pp. 10-25, enero/junio.

MONTAIGNE, Michel de (1980). Apologia de Raymond Sebond. São Paulo: Abril Cultural.

NAVAS, Diana (2020). Literatura e ciência: campos antagônicos ou complementares?. Revista Ciência e Cultura, São Paulo, v. 72, n.1, pp. 37-40, jan./mar..

31

NIETZSCHE, Friedrich (1999). O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras.

NUNES, Benedito (2011). O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura. In: MACIEL, Maria Esther (org.). Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC, pp. 13-22.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (2012). Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes/UNICAMP.

PÊCHEUX, Michel (2006). O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes.

QUEIROZ, Rachel de (2012). O Quinze. Rio de Janeiro: José Olympio.

QUIJANO, Aníbal (1997). Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. In: Anuário Mariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1-16.

RAMOS, Graciliano (2013). Vidas Secas. 120ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record.

ROSEVICS, Larissa (2017). Do pós-colonial à decolonialidade. In: CARVALHO, Glauber; ROSEVICS, Larissa. (orgs.). Diálogos internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Perse.

RUECKERT, William (1996). Literature and ecology: un experiment in Ecocriticism. In: GLOTFELTY, Cheryl. & FROMM,

Harold. (eds). *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Athens / London: The Univ. of Georgia Press.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos-CEBRAP*, pp. 71-94.

SARMENTO, Elisângela Campos Damasceno (2022a); MOURA, Geraldo. Jorge Barbosa de. Topofobia e topofilia em *O Quinze*: uma análise ecocrítica da obra de Rachel de Queiroz. *Revista Geografia, Londrina*, v. 31, n, 1, pp. 75-94, jan.

SARMENTO, Elisângela Campos Damasceno (2022b); MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de. *Vidas Secas na Zooliteratura: uma análise das relações entre o animal humano e o não humano na obra de Graciliano Ramos*. *Revista Porto das Letras, Porto Nacional*, v. 8, n, 4, pp. 453-471, dossiê Linguagens e Educação em Diálogo.

SARMENTO, Elisângela Campos Damasceno; LIRA, Mirtes Ribeiro de (2021). O paradigma clássico e a emergência do holismo-interdisciplinar. *Revista Educação em Foco, Juiz de Fora*, v. 26, pp. 1-13.

SILVA, José Maria Cardoso da; TABARELLI, Marcelo; FONSECA, Mônica Tavares da (2004). Áreas e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade na caatinga. In: SILVA, José Maria Cardoso da; TABARELLI, Marcelo; FONSECA, Mônica Tavares da (org.). *Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação*. Brasília (DF): MMA/UFPE/Conservation International - Biodiversitas - Embrapa Semiárido, pp. 349-374.

THIESEN, Juarez da Silva (2008). A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro*, v. 13. n. 39, pp. 545-598.

TUAN, Yi-Fu (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (trad.) Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL.

TUAN, Yi-Fu (2005). *Paisagens do medo*. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP.

WOHLLEBEN, Peter (2019). *A vida secreta dos animais*. Rio de Janeiro: Sextante.

